

Aprendendo com o Toque - Reflexões e Sugestões para uma Educação Sexual Adaptada ao Portador de Deficiência Visual

TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF

Aluna do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

¹ GLAT, R. A Sexualidade da Pessoa com Deficiência Mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 1, n. 1, 1992, p. 65-74; TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

² Este trabalho faz parte de uma pesquisa integrada sobre a sexualidade do portador de deficiência.

“ENSINA-SE ANATOMIA PELO MÉTODO BRAILE”, eram os dizeres da camiseta, com um toque de humor negro.

Piada à parte: como será que os que se servem do Método Braile, os deficientes visuais (DV), aprendem anatomia? A anatomia de seu próprio corpo é muito fácil, mas e a anatomia do sexo oposto? Como ocorre o conhecimento do corpo do outro, se o toque é proibido na nossa cultura? E a sedução, se a paquera se dá pelo olhar? Será que a sexualidade do cego é uma sexualidade sem estética, sem altos nem baixos, gordos ou magros, não importa a cor dos olhos?

Ao pensar sobre isso várias questões vêm à tona. Enfim, como o DV pensa sua sexualidade? Estes e outros questionamentos similares levaram à realização de uma pesquisa qualitativa com um grupo de cegos da cidade de Santana do Livramento-RS, na qual investigamos as representações que pessoas cegas fazem de sua sexualidade.

A população entrevistada foi de quatro mulheres com idades variando entre 15 e 35 anos e cinco homens, com idades variando entre 20 e 43 anos; todos os entrevistados estudavam em uma classe especial. Para a coleta de dados utilizamos entrevistas individuais e semi-estruturadas,¹ abordando temas referentes a informações, comportamentos e valores.²

As entrevistas foram gravadas em fita cassete, transcritas literalmente e depois analisadas. A seguir teceremos alguns comentários sobre os achados das entrevistas.

Com relação à Educação do DV, Masini³ concluiu que o desenvolvimento e aprendizagem dos mesmos são definidos a partir de padrões adotados para os videntes; com a Educação Sexual não se dá de maneira diferente. Ao falarmos sobre a sexualidade do DV devemos ter em mente que a cultura sexual de massa é quase que restrita a estímulos visuais. Por exemplo, nas revistas, filmes, novelas, o nu e o erótico são apresentados visualmente. Por faltar no Brasil programas de Educação Sexual adaptados ao DV,⁴ o corpo do outro para o cego é um mistério que só é desvendado com a experiência sexual, principalmente para os que não têm irmãos de outro sexo. Pois até tocar no sexo oposto o DV não tem a mínima idéia de como ele se configure; pode até imaginar, mas a realidade é bem diferente.

· “O tico (pênis) do homem é as bola dele”. (Mulher, 35 anos)

· “Antes não tinha idéia de como fosse. Amigos explicaram, mas a gente aprende mesmo é na prática”. (Homem, 21 anos)

Assim como conhecer o sexo do outro é complicado, a paquera também passa por situações “apertadas”:

· “Eu paquero através da música”. (M, 25 anos)

· “Comigo é difícil. Eu não tenho papo... Teve uma época que eu ficava assim parado, eu não sabia como chegar numa moça para dizer que gostava dela, que queria namorar com ela. Eu achava que era coisa que tinha que saber fórmula”. (H, 21 anos)

Deve ser muito difícil tentar seduzir apenas pelo discurso. Como proceder quem não tem o dom da oratória, como esse rapaz, que queria saber a “fórmula do amor”?

Podemos observar que alguns entrevistados tinham seu comportamento sexual muito reprimido, além dos que querem namorar porque não “aprenderam na escola”, encontramos quem queira namorar mas também não pode porque é considerado “doente”!

· “Minha mãe não quer que eu namore porque eu sou doente, não enxergo”. (M, 35 anos)

A fisiologia também é um mistério, todas as mulheres entrevistadas não sabiam o que estava acontecendo por ocasião da menarca:

· “Como eu era doente a minha mãe nunca me contou”. (M, 35 anos)

· “Pela primeira vez foi engraçado, eu não conhecia, aí minha mãe falou que eu tinha menstruado. Achei que era uma machucadura”. (M, 25 anos)

· “Foi surpresa, eu não sabia o que era, aí minha mãe explicou”. (M, 24 anos)

Alguns homens relacionam menstruação apenas com gravidez:

· “O controle da mulher para descobrir se tá grávida ou não”. (H, 39 anos)

³ MASINI, E. F. S. O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual; Orientando Professores Especializados. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 1, n. 1, 1992, p. 29-39.

⁴ Em outros Países são usados modelos em tamanho natural para ensinar anatomia aos DV.

· “Parece que vem todos os meses, me parece que se ela não vem, parece que o embarazo (gravidez) tá aí”. (H, 43 anos)

E outros nem sabem o que é ou porque acontece:

· “Não sei”. (H, 20 anos)

· “Não sei”. (H, 28 anos)

Uma coisa que ficou clara é que os programas governamentais de prevenção da AIDS não estão tendo um alcance muito popular:

· “Terrível (a AIDS)! Dói muito. por falta de um cuidado!” (H, 39 anos)

· “É um micróbio ou algo assim”. (H, 43 anos)

· “Eu só ouvi falar no nome da doença, diz que é muito incrível, muito triste”. (M, 25 anos)

· “Não sei o que é”. (M, 15 anos)

Meios de contágio e métodos de prevenção da AIDS também são pouco conhecidos, com algumas exceções:

MEIOS DE CONTÁGIO:

· “AIDS é uma doença que se pega no corpo e mata a pessoa”. (M, 35 anos)

· “Pega AIDS pelo sexo, acho que só pelo sexo”. (M, 24 anos)

· “Creio que a AIDS se pega não somente com homossexual, tem transfusão, tem pessoal esclarecido que usa sexo anal, esse eu acho que é o meio que mais se pega”. (H, 21 anos)

· “Se a mulher tá com AIDS na hora da relação sexual pega no homem”. (H, 28 anos)

MÉTODOS DE PREVENÇÃO:

· “Usa camisinha”. (H, 28 anos)

· “Tem a camisinha, mas já ouvi falar que não tá adiantando”. (H, 21 anos)

· “Falava que tinha que usar a camisinha, ter que se cuidar na transfusão de sangue”. (M, 25 anos)

Outras doenças sexualmente transmissíveis também são desconhecidas, foram citadas apenas as duas mais “famosas”:

· “Sífilis, gonorréia”. (H, 21 e H, 39 anos)

· “Sífilis”. (H, 20 anos)

· “AIDS, câncer”. (M, 35 anos)

· “Doença dos ovários”. (M, 15 anos)

· “Hay otras doenças assim, não, como micróbios possivelmente. Tanto da mulher como do homem, que são outra coisa, não, tem que estar sempre de exame médico, sendo controlado”. (H, 43 anos)

Métodos contraceptivos também são pouco conhecidos, tanto entre homens como entre as mulheres:

· “Hay umas pastillas aí que é para evitar embarazo (gravidez), eu não sei, acho que é isso. Uma operação da trompa, útero parece que evita também”. (H, 43 anos)

· “Hay pilulas, hay camisinhas, hay injeções”. (H, 39 anos)

· “Isso aí eu não conheço muito”. (M, 35 anos)

Um fato que chamou a atenção foi que um dos rapazes que disse servir a camisinha para prevenir AIDS, não sabia se serviria também para evitar filhos:

· “Pra evitar gravidez eu não sei se a camisinha serve, acho que não”. (H, 28 anos)

Apenas um dos homens mostrou-se mais informado:

· “Camisinha, pílula, tabelinha que o Papa aprova e que ninguém sabe fazer”. (H, 21 anos)

A questão do homossexualismo é recheada de fantasmas e preconceitos:

· “Nunca ouvi falar sobre isso, se a minha mãe ouve ela me mata. Acho horrible isso”. (M, 35 anos)

· “É doença”. (H, 21 anos)

· “Isso é coisa da cabeça, de quem foi violentado quando criança”. (H, 20 anos)

Com relação à masturbação, os entrevistados ainda estão no período Vitoriano, quando à mesma eram atribuídas as causas das mais nefandas doenças.⁵ “Causa debilidade, pode enlouquecer, é perigoso”. (H, 20 anos)

· “Nunca ouvi falar sobre isso”. (M, 35 anos)

· “Para o homem tem que dá problema, o homem não é normal, né? Quer dizer que algo hay aí que tá mal, mas esse “que” eu não sei”. (H, 43 anos)

· “É uma coisa nojenta. É embasada pela emoção ou loucura na cabeça das pessoas. Pode causar problemas”. (H, 39 anos)

· “Acho que tem a ver depois com a impotência, mas ninguém fica sem ela”. (H, 21 anos)

A exceção:

· “Não tem nenhum problema”. (H, 28 anos)

Quando perguntados sobre o que gostariam de aprender num Programa de Educação Sexual, os entrevistados voltaram mais uma vez para a “fórmula do amor”:

· “Como conhecer a pessoa”. (M, 25 anos)

· “Eu queria aprender a chegar nas gurias. Na hora de chegar a gente se encabula, se envergonha todo”. (H, 21 anos)

· “Aprender a conversar com um rapaz, que eu não sei”. (M, 35 anos)

· “Aprender sobre AIDS, drogas”. (H, 20 anos)

· “Ter mais informação sobre a menstruação da mulher”. (H, 28 anos)

⁵ CHAUI, M. *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁶ GIAMI, A., DALLONES, C. R. O anjo e a fera: as representações da sexualidade dos deficientes mentais por pais e educadores. Em: NETTO, M.I.D. (ed). *A Negação da Deficiência: a Instituição da Diversidade*. Rio de Janeiro: Achiamé/Socius, 1984.

⁷ GLAT, R. *Somos Iguais a Vocês — Depoimentos de Mulheres com Deficiência Mental*. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

⁸ MILITÃO, A. C. *A Visão de Pais e Professores sobre a Sexualidade de Pessoas Portadoras de Deficiência Mental*. Rio de Janeiro, 1991. (Dissertação de Mestrado — UERJ).

⁹ DALL'ALBA, L. *Sexualidade e Deficiência Mental; concepção do professor*. São Carlos, 1992. (Dissertação de Mestrado-UFSCAR).

¹⁰ GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

¹¹ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade — A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

¹² GAGNON, J. H. *Human Sexual Relations*. New York: Pantheon Press, 1982.

· “Sobre as doença sexual, e sobre essa aí, a AIDS”. (H, 43 anos)

Esta falta de informação pode ser devida a várias causas, tais como pouca escolaridade, o interior ser mais preconceituoso com assuntos relacionados à sexualidade, etc. Parece-nos, porém, que o problema maior é a estigmatização da sexualidade do portador de deficiência. Isto foi visto em Giami e D’Allones,⁶ Glat,⁷ Militão,⁸ e Dall’Alba,⁹ com portadores de deficiência mental. A opinião popular estende a deficiência para a sexualidade do indivíduo, tratando o portador de deficiência como um ser de sexualidade incompleta, vendo-o como uma eterna criança ou taxando sua sexualidade de selvagem. Chegamos a escutar uma professora de DV comentar:

“Ah, os DV são sexualmente neuróticos”.

Conhecemos muitos videntes neuróticos sexualmente e esta neurose não é dada como conseqüência da sua capacidade de visão!

Esta extensão da deficiência às outras áreas da vida do indivíduo pode ser observada nos depoimentos de uma entrevistada de 35 anos. Sua mãe não a deixava namorar porque ela era “doente”. Assim, a deficiência se torna patologia e esta patologia interfere em toda a vida do indivíduo, incluindo, neste caso, sua sexualidade. Esta mulher chegou a incorporar e até reproduz sua condição de “doente”, comportando-se exatamente da maneira pela qual a sua família tem expectativas de que ela se comporte.¹⁰

Com relação a sexualidade, Foucault¹¹ diz que nunca se falou tanto em sexo como nesses últimos séculos. Certo, falou-se sobre sexo nos divãs, confessionários e consultórios médicos, mas também nunca se informou tão pouco!

Mais atualmente, no País do carnaval, os costumes e tabus sexuais são superados a cada desfile na Marquês de Sapucaí e a cada capítulo de novela. A exemplo disto, a última novela das 20 horas já falou de incesto, fetichismo, hermafroditismo, etc. E mostrou tudo de maneira tão explícita que deixaria Freud corado. Apesar disso, a informação propriamente científica é quase nula.

Fala-se de sexo também na rua, o que Gagnon¹² chama de “homensociabilidade”, que é aquela desagradável mania de gabar-se das conquistas e performances sexuais! O mais espantoso é que enquanto isso a escola permanece muda ou trata a sexualidade de maneira tão fria e tão restrita à reprodução que parece ser característica apenas das flores e das abelhas!

Isto pode ser bem observado na entrevista do rapaz de 21 anos. Por estar terminando o segundo grau e preparando-se para o vestibular, ele sabia direitinho a fisiologia da menstruação, métodos contraceptivos, AIDS, etc., mas o que ele queria realmente aprender, era como conquistar a menina que ele gosta. Isto não se encontra em livros de Biologia. Então, por que não abrir um espaço para que os jovens possam discutir e aprender mais sobre os assuntos concernentes à sua própria sexualidade?

O que nos chamou muito a atenção foi que apesar da grande diferença de idades, as respostas foram mais ou menos parecidas. Além disso, o nível de

desconhecimento sobre assuntos gerais de Educação Sexual foi o mesmo, tanto para os casados como para os que nunca tiveram experiência sexual. Isto por si só já demonstra a grande necessidade de Programas de Educação Sexual adaptados, eles não atenderiam apenas a jovens cheios de curiosidades, mas também a adultos, pais de família que não tiveram acesso a este tipo de informação, e sentem necessidade dela agora para repassar a seus filhos.

Já que a família sozinha não tem conseguido suprir as necessidades de informações sobre sexo, propõe-se que as escolas aliem-se a elas para juntas darem conta disso. Por exemplo, os pais de DV pequenos podem levá-los juntos ao banho e mostrar-lhes naturalmente, através do tato, as diferenças entre papai e mamãe, assim como as diferenças entre ele e seus irmãozinhos! Já a escola pode usar modelos de resina, plástico ou borracha utilizados por estudantes de medicina e encontrados até (por que não?) em sexshops! O único cuidado a ser tomado é que a Educação Sexual não se torne uma conversa sobre abelhas e diferença anatômicas entre humanos, mas que seja um espaço para discussão de valores, dúvidas e medos: um momento aberto para opinar, perguntar e se informar!

Acreditamos que é crucial que a informação seja repassada. A Organização Mundial de Saúde estima que até o final do século estarão infectadas com AIDS entre 30 e 40 milhões de pessoas! E é inadmissível que as pessoas, sejam elas portadoras de deficiências ou não, sigam tratando a AIDS como um simples "micróbio". E além disso, é penoso encontrar uma mulher de 35 anos ainda sem saber a diferença entre pênis e testículos. Educação Sexual também é direito do cidadão!

Como já comentamos, esta não é uma pesquisa isolada. Este trabalho faz parte de uma pesquisa integrada sobre a sexualidade do portador de deficiência, em que já foram pesquisadas as representações de portadores de deficiência mental¹³ e auditiva Lebedeff.¹⁴ Ao comparar os achados, podemos concluir que as respostas são quase as mesmas, o nível de desinformação é abissal em qualquer uma das áreas de deficiência! Parece-nos que a Educação Especial tem se preocupado muito com suas especialidades: DM trabalha AVD; DA, linguagem e fala; DV, locomoção e Braille. E esquecemos que o portador de deficiência é uma totalidade, constituído também por uma porção sexualizada que merece atenção e respeito. Não será a hora de descer do pedestal da cientificidade e pensar um pouco mais na condição humana do portador de deficiência?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHAUI, M. *Repressão sexual; essa nossa (des)conhecida* São Paulo: Brasiliense, 1984.
2. DALL'ALBA, L. *Sexualidade e Deficiência Mental; concepção do Professor*. São Carlos, 1992. (Dissertação de Mestrado — UFSCAR).

¹³ GLAT, R. *A Sexualidade da Pessoa com Deficiência Mental...*, p. 65-74.

¹⁴ LEBEDEFF, T. B. *A Percepção de jovens surdos sobre sua sexualidade*. (Pesquisa em andamento)

3. FOUCAULT, M. *História da Sexualidade; a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
4. GAGNON, J. H. *Human Sexual Relations*. New York: Pantheon Press, 1982.
5. GIAMI, A., D'ALLONES, C. R. O anjo e a fera: as representações da sexualidade dos deficientes mentais por pais e educadores. Em: NETTO, M.I.D. (ed). *A Negação da Deficiência: a Instituição da Diversidade*. Rio de Janeiro: Achiamé/Socius, 1984.
6. GLAT, R. *Somos Iguais a Vocês — Depoimentos de Mulheres com Deficiência Mental*. Rio de Janeiro: Agir, 1989.
- ✗ 7. GLAT, R. A Sexualidade da Pessoa com Deficiência Mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 1, n. 1, 1992, p. 65-74.
8. GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
9. LEBEDEFF, T. B. *A percepção de jovens surdos sobre sua sexualidade*. (Pesquisa em andamento)
- ✗ 10. MASINI, E. F. S. O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual; Orientando Professores Especializados. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 1, n. 1, 1992, p. 29-39.
11. MILITÃO, A. C. *A Visão de Pais e Professores sobre a Sexualidade de Pessoas Portadoras de Deficiência Mental*. Rio de Janeiro, 1991. (Dissertação de Mestrado — UERJ).
12. TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.